

PENSANDO A ACESSIBILIDADE

Ana Amália Tavares Bastos Barbosa¹ e Moa Simplício²

RESUMO

Neste texto discutiremos a produção, participação e formação cultural pela e para a pessoa com deficiência, baseando-nos em nossas experiências pessoais e profissionais. Trataremos de alguns conceitos e pensamentos a respeito da formação de público considerado não usuais em espaços culturais e ainda abordaremos os termos “inclusão” e “acessibilidade” no universo abrangente do direito à cultura e ao lazer por e para pessoas com ou sem deficiência.

Palavras-chave: Acessibilidade. Inclusão. Cultura.

ABSTRACT

In this text we will discuss the production, participation and cultural learning by and for the disabled based on our personal and professional experiences. Some concepts and thoughts about the construction of a public considered unusual to cultural spaces. And we will also discuss the words accessibility and inclusion in the worldwide universe of rights towards leisure and culture by the disabled or not.

Keywords: Accessibility, inclusion, Culture.

1 Ana Amália Tavares Bastos Barbosa é artista plástica e arte/educadora formada pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP/SP). Também estudou História da Arte na Texas University at Austin; Design na School of Visual Arts; e Litografia na Columbia University, em Nova Iorque; e fez diversos cursos extracurriculares no Brasil com professores como Paulo Portella, Carmela Gross, Evandro Carlos Jardim, Carlos Fajardo, Paulo Von Poser e Carlos Basualdo, entre outros. Fundou a empresa Arte-educação Produções e faz parte da equipe desde 2001. É mestre pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Também atuou na área de ensino de línguas, dando aulas de inglês e fazendo traduções simultâneas e escritas. É doutora pela ECA/USP, com tese defendida em maio de 2012. É pós-doutora pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), título recebido em 2017. Em 2 de julho de 2002, teve um acidente vascular cerebral de tronco que causou, como seqüela, a síndrome do locked-in. Ela ficou tetraplégica, muda e disfágica, mas inteiramente consciente e com a cognição plenamente preservada. E-mail: aatbbl@gmail.com

2 Moa Simplício é mestre em Artes pela USP. Ao lado do trabalho com gravura e pintura também desenvolve atividades didáticas em artes. Atualmente, é professor no curso de Artes Visuais nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU/SP). Atua como assistente de produção e consultoria para atendimento a pessoas com deficiência na Arte Educação Produções (AEP) e tem integrado esse coletivo desde a sua fundação, em 2001. Atuou em vários projetos junto ao Ministério da Cultura, trabalhou com arte/educação em diversos locais e foi professor da oficina de artes visuais para deficientes no Centro de Reabilitação UNIBAN. Entre outras exposições, participou da Mostra Internacional de Mini Gravats, em Barcelona; e do Projeto Novas Imagens (Meridiano-Meridian), em Milão. Expôs gravuras no Café do MAC-USP; no Projeto Gravura Paulista – Primeira Revisão da Gravura, na Universidade de Brasília; e no Museu da Gravura da cidade de Curitiba. Ilustrou os livros *Espumas flutuantes*, de Castro Alves; *Lembranças de esquecer*, de Camilo Guimarães; e *Cidadela ardente*, de Thelma Guedes, publicados pela Ateliê Editorial. E-mail: moasimplicio@gmail.com

Muito tem se falado em acessibilidade, mas que acessibilidade é essa?

Quando falamos em acessibilidade cultural há muito mais coisas envolvidas do que apenas o acesso físico a equipamentos culturais, mas vamos começar por essa acessibilidade.

Alguns conceitos devem ser levados em consideração para que entendamos o que está descrito por acessibilidade na Declaração Universal dos Direitos Humanos. A seguir os conceitos: *mobiliário urbano*, *equipamentos urbanos*, *acessível*, *barreira arquitetônica ambiental*, *ser acessível e desenho universal*.

Mobiliário urbano é todo objeto e construção que integra a paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, instalado em espaços públicos ou privados com autorização do poder público, por exemplo: bancos de praça, parques infantis, telefones públicos, etc. (ABNT, 1986, p.1).

Acessível é todo lugar, espaço, mobiliário ou objeto que se possa alcançar, sendo-se ou não deficiente e que tenha como orientação uma comunicação ou sinalização.

Barreira arquitetônica ambiental é toda construção arquitetônica ou da natureza no espaço urbano que impede a livre circulação de pessoas, por exemplo, jardim na calçada, transporte público, bloqueios de carros, árvores ocupando o passeio sem a sinalização devida, entre outros.

Ser acessível é o estado de livre circulação e/ou manuseio de objetos utilizados por todos sem restrição.

Desenho universal está muito ligado ao conforto ambiental (arquitetura), ao design de mobiliários, equipamentos e design de produtos, que devem ser projetados para atender um maior número de habilidades, possibilitando direito de acesso a todos.

Assim, por escrito, parece óbvio, no entanto, sabemos que a realidade é bem mais complicada: rampas íngremes demais, vitrines de exposições tão altas que não dá para ver nada, reflexo nos vidros dos quadros, entre outros obstáculos.

Esses são problemas que afetam outros grupos, como crianças e idosos. Por exemplo, qualquer pessoa com menos de 1,60 m de altura vai ter dificuldades para acessar vitrines e para escapar dos reflexos; pessoas com dificuldades de locomoção (seja por deficiência ou por idade) terão dificuldades para encontrar, em espaços expositivos, bancos em que possam se sentar para descansar.

Ir a exposições de arte já não faz parte do cotidiano da maioria das famílias, sobretudo quando se trata de famílias com um membro deficiente, pois é muito difícil a locomoção. Assim, saídas só ocorrem em

caso de necessidade, como ir ao médico. Por isso, nós, arte-educadores, precisamos continuar formando público sem nos esquecermos das pessoas com deficiência.

De uns quinze anos pra cá, o acesso físico tem melhorado, mas a raiz do problema continua, porque o ser humano tem dificuldade de lidar com a diversidade, com a diferença, inclusive a social, que afeta a educação formal de pessoas com deficiência. Quantas vezes não ouvimos “Eu não entendo nada de arte” ou presenciamos pessoas humildes com medo de entrar em museus por acharem que não pertencem àquele local.

Nos últimos anos, temos tido a experiência de levar os alunos da Associação Nosso Sonho a diversas exposições. São jovens com paralisia cerebral, na sua maioria cadeirantes e com baixo poder aquisitivo; assim, quando fazemos esses passeios, temos primeiro que pensar no transporte público especializado, que precisa ser agendado com bastante antecedência. Precisamos comunicar as mães para que elas possam acompanhar seus filhos. Em seguida, temos que agendar a visita com o educativo da instituição a ser visitada, que nem sempre atende a nossas necessidades (na verdade, são espaços que não estão preparados para atender esse público).

Sabemos que pode ser cansativo, mas fazemos mais do que simples passeios ao visitar exposições, considerando que o conteúdo delas está diretamente ligado ao que estamos vendo em sala de aula, além de promover o contato direto dos alunos com a obra de arte. Essas saídas são importantes sob vários aspectos. Não basta falar de arte e ter um fazer artístico consistente. É preciso ver arte, e é muito diferente a experiência que temos ao ver uma reprodução da experiência de ver a obra ao vivo (o original), algo que tende a mudar com as mídias digitais e a realidade virtual. Sair, ir a museus se relaciona à inserção desses alunos na sociedade. Recentemente, passamos a incluir também as mães e os pais na mediação porque eles não são apenas meras extensões da cadeira. Os pais estão asoberbados de tarefas e não podem se dar ao luxo de ficar saindo sem necessidade, e com certeza ver arte não é uma necessidade para esses pais. Entretanto, a acessibilidade é para todos, inclusive os acompanhantes.

Figura 1 - Visita, em 2016, dos alunos da Associação Nosso Sonho ao acervo do MAC/USP, com mediação de José Minerini Neto.



Créditos: Foto Moa Semplicio

Figura 2 - Visita, em 2016, dos alunos da Associação Nosso Sonho à exposição Mondrian no CCBB/SP, com mediação da AEP



Créditos: Fabiana Nogueirão

Figura 3 – Visita, em 2015, dos alunos da Associação Nosso Sonho à Pinacoteca do Estado de São Paulo, com mediação José de Minerini Neto



Créditos: Moa Símplicio.

Pinacoteca 4 – Visita, em 2011, dos alunos da Associação Nosso Sonho à Exposição AEP DEZ ANOS, com mediação Moa Símplicio



Créditos: Fabiana Nogueirão

Como arte/educadores sempre lutamos pelo amplo, geral e irrestrito acesso à arte por todos os grupos. No começo, pensávamos mais na questão social, até porque o Brasil vivia um momento em que se fazia necessário um maior trabalho em relação a esse tipo de inclusão (não que essa questão esteja resolvida, longe disso!). Como diz Viviane Sarraf na sua tese de doutorado:

[...] A necessidade da inclusão cultural daqueles que são considerados públicos não usuais desses espaços. Nesse trabalho, consideram-se públicos não usuais prioritariamente as pessoas com deficiência, entretanto, ao compreender a comunicação sensorial como estratégia de mediação acessível, foram incluídos outros indivíduos que, na maior parte dos espaços culturais, não são foco das políticas de formação de público e, por essa razão, beneficiam-se dos recursos de comunicação e mediação acessíveis e sensoriais. Entre as pessoas, estão principalmente os idosos, as crianças pequenas com suas famílias e os visitantes de primeira viagem (entre eles, pessoas que passam a usufruir sua nova condição financeira para acessar e usufruir o patrimônio cultural). (SARRAF, 2013, p. 50)

Desde a década de 1990 trabalhamos arte-educação com deficientes e isso ganhou ainda mais corpo após o AVC de Ana Amália, em 2002. Aprendemos com Howard Gardner sobre as múltiplas inteligências que a arte acessa e pudemos confirmar isso quando começamos a trabalhar junto às pessoas com deficiência.

Durante o amadurecimento teórico e empírico que desenvolvi no processo de pesquisa de mestrado, que investigava caminhos de construção de políticas culturais acessíveis às pessoas com deficiência por meio do ponto de vista de gestores culturais e representantes do público de pessoas com deficiência, encontrava casualmente constatações sobre a relevância da comunicação e mediação cultural sensorial como uma das estratégias mais eficazes de inclusão de pessoas com deficiência em museus e espaços culturais. (SARRAF, 2013, p. 03)

Esse é um universo com uma nomenclatura bastante flutuante. Alguns termos rapidamente caem em desuso, já outros, com o tempo, parecem crescer.

O emblemático ano de 1981 foi considerado o “Ano Internacional da Pessoa com Deficiência” pelo fenômeno de união e reivindicação das pessoas com deficiência de diversos países, transpondo dificuldades de comunicação e fronteiras em busca de mais e melhores direitos. A evolução no discurso propiciado por esse movimento alterou o termo “integração”, que

pressupunha que a pessoa excluída precisava se adequar aos parâmetros sociais gerais para ser aceita socialmente principalmente nas políticas educacionais), para o termo “inclusão”, que passou a ser considerado o mais adequado para defender a necessidade de incluir a pessoa com deficiência, a partir da necessidade de modificar os ambientes e parâmetros sociais excludentes. Para essa necessidade de mudança, o termo “acessibilidade” se tornou um conceito e passou a ser utilizado como palavra-chave do movimento. (SARRAF, 2013, p. 51)

Depois de muito pesquisar, descobrimos o que já sabíamos: apesar de sempre ter havido artistas com deficiência, estes não são conhecidos por suas condições físicas e ou psíquicas. Por um lado, isso é bom porque significa que não se leva em conta as deficiências ao se avaliar a obra de um artista; por outro lado, parece que essa informação (ao ser revelada) diminui o valor da obra. Sobre artistas com deficiência podemos citar alguns como: Matisse, Chuck Close, e outros tantos ..., no Brasil, Lizarraga, Nazaré Pacheco, Paulo Barreto, entre outros, eles não costumam falar muito da deficiência para não cair em um gueto e ficar restrito a ele. Não é o caso de Ana Amália, que faz questão de falar da sua deficiência e que tenta furar o bloqueio do mainstream, feito de homens brancos em primeiro lugar e seguidos, pelo menos no Brasil, pelas mulheres brancas. Enfim, pouco se fala, ao grande público, da produção feita por artistas com deficiência.

No entanto, como dissemos anteriormente, nos últimos anos tem havido muitas mudanças. Quando começamos a levar os alunos a exposições de arte, em 2009, era tudo mais difícil. Participar da vida cultural era coisa rara, por isso era quase performático sair com os alunos, mas não “damos bola”. Hoje não nos atendem mais com estranheza. Instituições culturais devem ter abordado o tema deficiência em suas formações, com profissionais e educadores em instituições culturais.

Figura 5 - Cadeiraflôr, aquarela sobre Papel, 2017



Créditos: Ana Amália

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. *Além do corpo: uma experiência em Arte/Educação*. São Paulo: Ed. Cortez, 2014.
- SARRAF, Viviane Panelli. *A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para pessoas com deficiências*. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4518/1/Viviane%20Panelli%20Sarraff.pdf>>. Acesso em: 18-09-2017
- TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas Públicas de Inclusão de Públicos Especiais em Museus*. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 2007. Disponível em: < <file:///C:/Users/tpereira/Downloads/AmandaTojal.pdf>>. Acesso em: 19-09-2017
- REILY, Lucia Helena. *Armazém de imagens: ensaio sobre a produção artística de pessoas com deficiência*. Campinas/SP: Ed. Papirus, 2001.
- SILVIA, Maria Cristina da R. F. *Os processos Artísticos das Pessoas com deficiência: O que nos diz a escola? 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas...* Salvador. 2009. Disponível em: < http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/maria_cristina_da_rosa_fonseca_da_silva.pdf>. Acesso em: 19-09-2017
- MATTOS, Sheyla e GONZALES, Nena “Instituto Novo Ser” www.novoser.org.br Acesso em: 06/07/2017